

**Reflexões sobre o saber local e o saber ocidental dominante:
alternativas e destruição da biodiversidade**

*Reflections on local knowledge and dominant western knowledge:
alternatives and destruction of biodiversity*

*Reflexiones sobre el conocimiento local y el conocimiento occidental
dominante: alternativas y destrucción de la biodiversidad*

Jaqueline Pardinho Braz

Mestranda no Programa de Pós Graduação em Sociologia (PPGS)/ Faculdade de Ciências
Humanas(FCH), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Dourados, MS, Brasil,

E-mail: jaqueline.braz051@academico.ufgd.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4232-3214>

Katiuscia Moreno Galhera

Professora visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) / Faculdade de Ciências
Humanas(FCH), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Doutora em Ciência Política
(UNICAMP) Dourados, MS, Brasil,

E-mail: katiuscia.mg1@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5790-0913>

Resumo: O presente artigo é de reflexão teórica, fruto da necessidade de se debater em torno das formas de saber e suas implicações. O objetivo consiste em apresentar o saber local e suas alternativas ao desenvolvimento, frente ao saber ocidental dominante, construído e reproduzido como superior aos demais saberes. Como resultado desse processo, o saber que se julga dominante/oficial acaba por gerar um tipo de monocultura da mente, o qual implica em limitações na sua estrutura e favorece a destruição da biodiversidade nas comunidades locais motivando, ainda, o discurso da maximização do lucro. Diante desse cenário, é necessário reconhecer e resgatar os saberes locais, como solução aos problemas causados pela lógica dominante. Esse trabalho se insere dentro de uma perspectiva teórica, e sua realização se deu por meio de uma revisão bibliográfica. Para isso, foram considerados autores que abordam a temática, como a Vandana Shiva que tratará a Monocultura da Mente. Os resultados e discussões aqui apresentados visam contribuir com as discussões existentes acerca da temática.

Palavras-chave: Saber Local. Saber Ocidental Dominante. Biodiversidade.

Abstract: This article is a theoretical reflection, the result of the need to debate around the ways of knowing and their implications. The objective is to present local knowledge and its alternatives to development, in the face of dominant western knowledge, constructed and reproduced as superior to other knowledge. As a result of this process, the knowledge that is considered dominant/official ends up generating a type of monoculture of the mind, which implies limitations in its structure and favors the destruction of biodiversity in local communities, also motivating the discourse of profit maximization. . Given this scenario, it is necessary to recognize and rescue local knowledge as a solution to the problems caused by the dominant logic. This work is part of a theoretical perspective, and its accomplishment took place through a bibliographic review. For this, authors who approach the theme were considered, such as Vandana Shiva who will deal with the Monoculture of the Mind. The results and discussions presented here aim to contribute to the existing discussions on the subject.

Keywords: Know Location. Dominant Western Knowledge. Biodiversity.

Resumen: Este artículo es una reflexión teórica, fruto de la necesidad de debatir en torno a los modos de conocer y sus implicaciones. El objetivo es presentar los saberes locales y sus alternativas de desarrollo, frente a los saberes occidentales dominantes, construidos y reproducidos como superiores a otros saberes. Como resultado de este proceso, el conocimiento que se considera dominante/oficial termina generando una especie de monocultivo de la mente, lo que implica limitaciones en su estructura y favorece la destrucción de la biodiversidad en las comunidades locales, motivando además el discurso de maximización de ganancias. Ante este escenario, es necesario reconocer y rescatar los saberes locales como solución a los problemas ocasionados por la lógica dominante. Este trabajo se enmarca en una perspectiva teórica, y su realización se dio a través de una revisión bibliográfica. Para ello, se consideraron autores que abordan el tema, como Vandana Shiva que tratará el Monocultivo de la Mente. Los resultados y discusiones aquí presentados pretenden contribuir a las discusiones existentes sobre el tema.

Palabras Clave: Conoce Ubicación. Conocimiento occidental dominante. Biodiversidad.

Data de recebimento: 04/11/2021

Data de aprovação: 30/06/2023

DOI: 10.30612/riet.v3i1.15349

Introdução

A partir de uma perspectiva que busca problematizar a construção do saber e suas implicações na construção da realidade social, proponho um recorte bibliográfico do trabalho da Vandana Shiva, e de outros autores, a fim de se compreender como o saber ocidental desenvolveu de forma singular e não-plural uma interpretação do mundo cultivada por seu viés.

Nesse sentido, apresento uma reflexão sobre o saber local e o saber ocidental dominante. De forma inicial, podemos afirmar que o saber local se constitui como uma herança dos povos nativos, sendo praticado nas comunidades locais e numa dinâmica de vida mais coletiva. Concretamente, a historiografia e bibliografia a respeito da construção e episteme do saber, tem apontado que a construção do saber emanada desses espaços possui uma vinculação com o mundo que o cerca, criando, assim, uma rede de relações entre os seres humanos e a natureza, e, conseqüentemente, a manutenção da biodiversidade das florestas.

Assim, tem-se que o saber ocidental dominante se fixou ao longo dos processos históricos, colonizando não somente a mente, mas a agricultura e as florestas. Em uma palavra: criou uma nova forma de pensar o mundo, uma racionalização condicionada às questões pragmáticas. Ademais, esse discurso foi acompanhado de ações de violência, de invisibilidade e de negação dos saberes locais, para se revelar, então, como saber único, universal e verdadeiro, desconsiderando todos os demais.

Por fim, aponto as possibilidades que o saber local apresenta, como uma outra possibilidade de relação com o mundo e, também, como uma solução para a destruição da biodiversidade. Nessa perspectiva, o saber local é uma forma de saber que se opõe à razão ocidental. É um saber dialógico e horizontal, propositor de novas realidades e relações sociais.

Nesse fito, o saber local é uma alternativa de vida frente ao saber ocidental dominante, construído e reproduzido como superior aos demais saberes. Como metodologia utilizamos a revisão bibliográfica em que o eixo central gira em torno das ideias desenvolvidas pela Vandana Shiva. Contudo, também foram considerados outros autores que tratam da temática como Alberto Acosta (2016), Carlos Eduardo Araújo (2020), Lorena Cabnal (2018), Enrique Dussel (2005), Miriam Lang (2016), Walter Mignolo (2005) e Manuel Tavares (2018).

Resultados e discussões

Refletir sobre o saber, e a forma com que este se construiu, se torna um exercício de compreensão da própria formação social do mundo moderno que, desde sempre, se assentou em bases de uma racionalidade ancorada na crença da ciência. Assim, o início dessa discussão pressupõe uma breve exposição sobre em que bases se assenta os dois tipos de saberes: o saber local e o saber ocidental dominante, e como estes se diferenciam e criam mundos distintos.

O saber local ou tradicional, praticada na agricultura familiar ou nas comunidades locais, revela um modo de vida em harmonia com a natureza, em consonância e, oriundas, dos povos nativos. Já o saber ocidental dominante apresenta uma perspectiva própria das sociedades “modernas”, que vivenciaram um alto processo de separação do mundo natural em que a natureza, se revela, como um mundo a se dominar, a se manipular. Nesse caso, os

recursos naturais, o lado intelectual e o corpo dos seres humanos são utilizados para a aquisição de lucro, isso porque “[...] uma vez que as sociedades originárias optam por fazer da história um tempo que foi feito para durar, permanecer; enquanto que as sociedades modernas optam por fazer da concepção de história aquilo que existe para mudar, inovar.” (ARAÚJO; SÁ; ALMEIDA, 2020, p.5).

As comunidades cuja unidade e centralidade da vida se baseavam no saber local - que era valorizado e utilizado em seu cotidiano – tinham neste a ferramenta de interpretação do mundo e relação com o natural. Além do mais, esse era o único tipo de saber conhecido que oportunizava a tradução dos mistérios da natureza e a sobrevivência de seu grupo familiar.

Contudo, com o advento da complexificação das sociedades e a transição cada vez mais acelerada das sociedades rurais/étnicas para sociedades urbano-industriais, o saber tradicional/local passa a “perder” influência na explicação dos fenômenos naturais e o saber/conhecimento passa a ser avaliado como único e verdadeiro, o saber ocidental dominante. Nessa nova matriz elucidativa, é como se todos os outros saberes não fossem válidos, e a razão passa a ser o elo explicativo nas sociedades do “conhecimento”: “[...] diz-se que vivemos hoje numa “sociedade do conhecimento”, quando, de fato, todas as sociedades foram e são sociedades do conhecimento” (ARAÚJO; SÁ; ALMEIDA, 2020, p.3).

No tocante aos países de formação colonial, destaca-se que esse processo de mudança na matriz do saber se intensificou sobremodo, visto que o saber local sofreu uma profunda desvalorização dos colonizadores europeus, tendo sido “arrancada” toda a estrutura local e transferida para o império. Isso leva-nos a refletir, portanto, que a colonização se processou sobre diversas formas de violência e transformou a diversidade humana e ambiental em monoculturas. Conforme aponta Shiva:

A riqueza da Europa na era colonial baseou-se em grande medida na transferência de recursos biológicos das colônias para os centros de poder imperialista e na substituição da biodiversidade das colônias por monoculturas de matérias primas para a indústria europeia.” (SHIVA, 2003, p.100).

Seguidamente a esse processo, o saber local enfrentou outras investidas, tanto no campo econômico, como na dimensão cultural, por meio de transformações sociais que não provocaram mudanças, mas que reificaram estruturas, como ocorreu com a Revolução Verde, a Revolução Industrial entre outros. É nesse contexto de luta entre saberes, que o saber ocidental se torna o saber dominante. Contudo, destaca-se aqui de forma crítica, que esse novo tipo de saber também é um saber local, pois enfatiza a cultura de uma determinada sociedade, a ocidental. Essa que se espalhou por meio de uma colonização intelectual, como pontua Shiva (2003, p. 21) “No entanto, o sistema dominante também é um sistema local, com sua base social em determinada cultura, classe e gênero.”

Segundo a autora, a forma como o saber ocidental dominante é estruturado e legitimado gera desigualdades e dominação pois, a permanência de um, pressupõe a inferioridade/ instabilidade do outro. Assim, o saber local é marginalizado porque nessa agenda unilateral não há espaço para alternativas, pois é necessário e eficaz que apenas um saber se sobreponha aos demais - visto pretender-se ser universal: “[...] como uma tradição universal, inerentemente superior aos sistemas locais” (SHIVA, 2003, p.22). Para isso foi preciso esquematizar planos para arrancar o saber local do cenário, dentre elas está a invisibilidade, apontada como “O primeiro plano da violência desencadeada contra os sistemas locais de saber é não os considerar um saber” (SHIVA, 2003, p.22).

O saber ocidental dominante usou-se de violência e deturpação para se vingar como saber único, universal e científico, avaliando as comunidades locais como obstáculos para a modernidade e agindo como preciso fosse, para a derrubar. Dussel, aborda a estratégia utilizada: “Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, a práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização.” (DUSSEL, 2005, p.29).

Seguindo essa linha de raciocínio, Shiva (2003), aponta que sendo único, universal e científico, será considerado com sacralidade ou imunidade social. Esse novo saber, pretende-se superior aos demais e, como afirma Tavares, “Nenhuma cultura pode autodesignar-se como superior e mais importante do que outra nem se considerar como detentora de uma visão única e verdadeira do mundo.” (TAVARES, 2013, p.199). Assim, não existe um saber que pode ser autodesignar como melhor.

Nesse modelo de saber não há a necessidade de contestação, o mesmo não deve ser avaliado, o que faz com que se elimine as alternativas ao modelo imposto e, dessa forma, “[...] o sistema dominante cria seu monopólio exclusivo”. (SHIVA, 2003, p.24). Uma outra característica que Shiva aponta na construção do saber dominante, é que ele não exclui apenas a comunidade do processo de construção do conhecimento, mas as próprias pessoas e suas histórias: “Nunca se perguntou às pessoas implicadas se queriam viver esse tipo de vida capitalista moderna.” (LANG,2016, p.30).

Além da invisibilidade como prática excludente, o saber ocidental dominante acaba aniquilando ou extinguindo a manifestação do saber local. Apaga sua história, a sua memória e, ainda leva em consideração apenas um lado, essa mesma história que se torna verdadeira e vigente, como afirma o autor “O imaginário do mundo moderno/colonial surgiu da complexa articulação de forças, de vozes escutadas ou apagadas, de memórias compactas ou fraturadas, de histórias contadas de um só lado. (MIGNOLO, 2005, p.37-38). Essa história contada de um lado só resulta na propagação e na crença como a verdadeira.

Reflexões sobre o saber local e o saber ocidental dominante: alternativas e destruição da biodiversidade

Conforme Shiva, esse saber, portanto, cria no saber local rachaduras e fragmentações. Disso resulta no monopólio da mente:

Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço de alternativas locais, de forma muito semelhante à das monoculturas de variedades de plantas importadas, que leva a substituição e destruição da diversidade local. O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies. (SHIVA, 2003, p.25).

A ideia de monocultura mental se mostra interessante e, ao mesmo tempo, provocativa, visto instaurar uma premissa: é possível que o modo de vida capitalista e sua centralidade na razão, tenha, também, criado as condições próprias de “podamento” do pensar humano? Uma razoabilidade no direcionamento da resposta é que, a despeito de qualquer consequência, o modo de produção capitalista e sua forma de organização social e do saber, representa, por si, uma forma particular de pensar mediada não mais pelo tempo histórico, da natureza, mas pela necessidade reativa dos problemas sociais. Se antes tinha-se um entendimento do todo como um sistema, um saber preocupado com a alimentação, em produzir comida, tem-se, agora, no saber ocidental dominante, uma outra relação e percepção do mundo. Agora há apenas espaço para a destruição e a agressão aos recursos naturais em detrimento da narrativa desenvolvimentista, pois o que importa nesse modelo é o valor comercial das florestas.

Nesse contexto, as florestas e o saber local deixam de ter o seu valor próprio, o valor de diversidade, e se transformam em um tipo de mercadoria e de racionalidade para o capital.

De acordo com Shiva, a floresta que deveria servir de modelo sustentável para a sociedade assume um outro papel, e se insere em um processo inverso em que a fábrica é quem dita como deve ser a floresta, “[...] um sistema de desflorestamento tropical, que transforma a floresta de recurso renovável em recurso não-renovável” (SHIVA, 2003, p.32). No lugar da floresta que produziria vida, agora se produz lucro momentâneo e que logo chegará ao fim.

A floresta como um recurso, que não irá se renovar, logo levará à destruição total da diversidade da fauna e da flora, todavia também das comunidades locais que sobrevivem a partir delas, isso porque “[...] perdem sua capacidade de renovar-se, já que a taxa de extração é muito mais alta do que seus limites ecológicos de renovação” (ACOSTA,2016, p.50).

Assim, para Shiva, isso revela que as comunidades locais se transformam em um lixo descartável no sistema capitalista. É necessário abrir espaços para os que realmente sabem o melhor destino para a floresta, visto que para os grupos dominantes e nos interesses do grande capital “a diversidade tem de ser erradicada como uma erva-daninha, e as monoculturas uniformes - de plantas e pessoas- têm de ser administradas de fora porque não são mais autorreguladas

e autogeridas”. (SHIVA, 2003, p.33). Isso posto, se tem diversidade, para o saber ocidental dominante esta deve ser eliminada.

Conforme a autora, não obstante isso, pode-se elencar dois paradigmas: um que promove a vida e outro que destrói, um que respeita a diversidade, outro que se atenta apenas ao valor comercial, um que renova os sistemas de alimento, solo e de água, outro que busca a maximização do lucro, a produtividade. Destruindo, assim, o que for preciso para alcançar o que se quer. No primeiro caso, tem-se as práticas das comunidades locais e, no segundo caso, o mercado.

Nas comunidades locais ainda há uma variedade de usos das florestas, pois praticam o bom uso dos recursos naturais, em contraponto ao saber ocidental dominante, que busca dominar e subjugar a natureza às demandas da do poderio econômico:

Assim, enquanto para as tribos e outras comunidades florestais um ecossistema complexo é produtivo em termos de ervas, tubérculos, fibra, patrimônio genético etc., para o explorador reducionista esses componentes do ecossistema das florestas são inúteis, improdutivos, descartáveis. (SHIVA, 2003, p.36).

Shiva (2003) revela, ainda, que a mudança de pensamento no modo de produção capitalista foi tão avassaladora que a própria ideia do que é normal e anormal na relação homem-natureza foi alterado. Assim, a floresta é tida como normal quando ela favorece a maximização do lucro - quando a madeira se torna mercadoria, por exemplo -, ao contrário de quando ela apresenta diversidade, e se torna fonte de alimentos, sem uso comercial, passando a ser considerada como “anormal”.

Isso nos revela que a floresta é normal para aumentar a produção, para a uniformidade, e anormal para a diversidade, como a autora aponta, “Portanto, a floresta natural, com toda sua diversidade é vista como “caos”. A floresta fabricada pelo homem é a “ordem”. (SHIVA, 2003, p.37). A uniformidade esconde e mascara o que o saber ocidental dominante não quer escancarado, pois o que está por detrás é que somente deve-se atenção as espécies que serão comercializadas, aquelas que darão lucro, de forma que “essa silvicultura procura somente espécies utilizadas industrialmente e que podem ser comercializadas com lucro, e avalia a produtividade em termos somente de biomassa industrial e comercial” (SHIVA, 2003, p.38). Há, então, apenas dois resultados para a floresta no sistema capitalista: a madeira – que é aproveitável - e o resto, que transforma em lixo descartável, erva daninha.

A lógica, no mundo capitalista se inverteu e, isso que agora é tido como “erva daninha” é, na realidade, fonte de alimentos, água, fertilizantes naturais e sementes. Contudo a Revolução Verde surgiu e colocou na ilegalidade as sementes e, principalmente, o saber local das comunidades. Para isso, se exerce, inclusive, uma manipulação das formas de organização social humanas, sendo categorizadas como primitivas, inferiores, e que não é útil, tudo que diz

respeito às sociedades integradas a natureza. O “moderno”, progressista e urbano passa agora a ser sinônimo de produtividade e riqueza do país.

Para a autora não se criou uma monocultura tão-só da mente, todavia a monocultura da agricultura. Essa que enfatiza a uniformidade da produção agrícola, onde no lugar das sementes crioulas, da rotação de culturas, que abarca um sistema inato de proteção a pragas, é substituída pela monocultura de apenas um grão:

Os sistemas agrícolas tradicionais baseiam-se em sistemas de rotação de culturas de cereais, legumes, sementes, oleaginosas com diversas variedades em cada safra, enquanto o pacote da Revolução Verde baseia-se em monoculturas geneticamente uniformes. (SHIVA, 2003, p.57).

Os sistemas tradicionais, aqueles que zelam pela manutenção dos costumes, pelo cuidado com a terra, pelo trabalho familiar com a alimentação provinda de seu “suor”, preocupados com a comida saudável, mesmo produzindo em pequena escala, são, agora, descartados e notificados como impróprios pela dominação da razão ocidental. Nesse novo contexto, ou as sociedades tradicionais se “adaptam” ou morrem de inanição. Isso porque, nesse cenário, são cercadas e condicionadas a migrar para o modelo da monocultura ou tenderão a viver na margem da pobreza e do abandono, em “[...] um mundo dividido entre poucos, os quais têm em excesso, ficando uma multidão à margem dos propalados benefícios do “progresso”. (ARAÚJO; SÁ; ALMEIDA, 2020, p.3). Esse mesmo que oferecerá sementes geneticamente modificada, proporcionando assim a produção em larga escala, sem que haja a valorização como ocorre com o trabalho da agricultura familiar.

Na razão ocidental, o saber uniformizante e tecnocrata entra em cena e os modos de vida particulares são colocados em xeque. Para Shiva, a magnitude da “razão tradicional” se releva nas comunidades locais por meio de sua forma de produzir e de uma relação com a natureza baseada em trocas, em que a maior parte do que é utilizado é produzido no próprio local. Em sua maioria, são saberes compartilhados entre as famílias, com um intenso sistema de trocas, diferente do que ocorre na monocultura, em que se compra as sementes e os fertilizantes, sem nem mesmo conhecer a sua origem. Para a autora “Os sistemas nativos de cultivo baseiam-se exclusivamente nos insumos orgânicos internos. As sementes vêm da fazenda, a fertilidade do solo vem da fazenda e o controle de pragas é feito com mistura de safras” (SHIVA, 2003, p.58). Podemos dizer que nas comunidades locais a produção é, em grande parte, autossuficiente.

Assim, no saber local há uma diversidade de uso dos produtos, aproveitados tanto para a alimentação humana como para a dos animais, para o artesanato, utilizadas também como medicamentos. E as “variedades” criadas pelo saber ocidental dominante, pelas empresas transnacionais que financia a monocultura e o agronegócio, são produzidas para e pela elite a fim de uniformizar o campo, o saber, a produção e a relação com a terra.

Reflexões sobre o saber local e o saber ocidental dominante: alternativas e destruição da biodiversidade

A monocultura da mente nos leva a crer que não há alternativas, que há somente a hegemonia do sistema capitalista e que não há o que se fazer, contudo as contradições desse próprio modelo têm levado cada vez mais a um questionamento do mesmo. Para Shiva:

Quando usamos a palavra hegemonia para nos referirmos ao sistema capitalista, acabamos legitimando esse modelo e desconsiderando outras formas de fazer economia. Também pela epistemologia da palavra, a gente nota que o que está em jogo nessa disputa ideológica é a nossa forma de viver, de fazer política, de ter etc. A gente pensa que sempre foi assim, que não há o que fazer. Temos muito essa sensação, e é exatamente isso que o capitalismo quer: que a gente pense que não há outra alternativa. Por isso, é preciso conhecer e combater radicalmente ao capitalismo, não há outro caminho para nós. (CABNAL, 2018, p.33).

A monocultura pode resultar na produtividade a curto prazo, mas ela destrói a si mesma, visto ser algo insustentável a longo prazo, pois não extingue a diversidade, o solo, a água e o ar, mas, como afirma a autora, “, a uniformidade destrói as condições de renovação dos ecossistemas florestais e é ecologicamente insustentável” (SHIVA, 2003, p,68). Nesse modelo uniforme, há apenas uma colheita, a grande colheita, apenas um grão, não há safra para alimentação da comunidade local, somente para a exportação. Isso se revela em todas as fases do sistema monocultor, desde o período colonial com a ação capitalista além da Europa, até os dias atuais com as inversões no Sul global.

Prosseguindo na reflexão, Shiva aponta que como se não bastasse a monocultura da mente e da agricultura, injetam a monocultura da floresta: o eucalipto, a árvore milagrosa. Essa espécie que suga toda a água e os nutrientes do solo, que não resulta na diversidade de uso como nas florestas naturais. Vejamos abaixo a consequência:

[...] as necessidades absurdas que o eucalipto tem de nutrientes e água não deixam nada no solo além de terpenos que, por sua vez, inibem o crescimento de outras plantas e são tóxicos para organismos do solo responsáveis por sua fertilidade e pela melhoria de sua estrutura. (SHIVA, 2003, p.73-74).

A árvore milagrosa, não trouxe nenhum milagre, além de destruição da diversidade e a propagação de pragas e doenças para as comunidades locais, que levam cada vez mais a utilização de inseticidas em suas plantações. As produções da agricultura familiar são obrigadas a construir barreiras naturais para inibir a ação do veneno em seus alimentos. Além do mais, essa ação violenta e persistente do sistema monocultor contra a agricultura familiar tem, como consequência, gerado nas populações dificuldades de manutenção da reprodução do modo de vida de suas famílias e comunidades, porque são esmagados pela força da monocultura. De forma que sua existência é negada, são invisíveis, posto que o “ pensamento ocidental afirmou a sua identidade ao longo do tempo por meio da negação do outro, do diferente” (TAVARES, 2013, p.201).



Reflexões sobre o saber local e o saber ocidental dominante: alternativas e destruição da biodiversidade

As formas de sociabilidades instituídas pela razão ocidental criaram a ideia de que tudo o que é necessário para a vivência humana só pode ser advindo das fábricas, são contabilizados em dólares, como afirma a autora, “[...] é produzido nas fábricas de substâncias químicas e que a produtividade agrícola só pode ser medida por meio de mercadorias vendidas” (SHIVA, 2003, p.77). O saber local e o saber ocidental dominante não se divergem apenas pela produtividade agrícola, são sistemas que representam lados opostos de visão de mundo, de acesso ao poder, de acesso a riqueza, como expõe a autora:

As implicações políticas do sistema de saber dominante são incompatíveis com a igualdade e a justiça. Rompe com a coesão no seio das comunidades locais e polariza a sociedade entre os que têm acesso a ele e os que não têm, tanto em relação aos sistemas de saber quanto ao sistema de poder (SHIVA, 2003, p.77).

Conforme a autora apresenta acima, o saber ocidental dominante excluiu o ser humano, posto que para continuar a existir precisa passar por cima da cultura, da política, etc., contudo é um processo estruturado e legitimado que se torna natural e homogêneo. Onde a sociedade vive nele e sem perceber o reproduz em seu padrão de vida.

A biodiversidade, aquela praticada pelas comunidades locais, que tiram seu sustento da natureza e tem sua própria forma de saber, estão sob fortes ameaças. Essa não é a violência praticada pela monocultura, para afastar as populações. É uma ameaça, resultado da não renovação das florestas: são ameaças de extinção, como relata “[...] todas as florestas tropicais cercadas serão derrubadas em 177 anos” (SHIVA, 2003, p.86 apud FAO, 1981). Quando isso ocorrer, será com a geração futura e para o saber ocidental dominante isso não está em suas preocupações.

Há duas causas para essa ameaça: a destruição do habitat pelos projetos de construção de represas, rodovias e mineração nos locais de florestas e, a segunda, é a destruição da biodiversidade substituída pela monocultura na agricultura, na pesca, na criação de animais e no saber.

Essa lógica precisa ser transformada, essa que desaloja pessoas e destrói a diversidade. É mais do que necessário resgatar os saberes tradicionais para a preservação, posto que a “diversidade não será transformada enquanto a lógica da produção não for transformada” (SHIVA, 2003, p.92). Primeiro, portanto, é necessário focar na transformação da lógica de produção, para não termos consequências desastrosas para a humanidade.

Em conformidade a autora aborda “[...]defender um modo de vida relativamente autossuficiente e resistir a ser espoliado das condições materiais que o tornam possível já representa em si mesmo uma *alternativa ao desenvolvimento*” (LANG, 2016, p.42). A própria resistência ao sistema, é uma alternativa, a resistência em viver de um modo diferente do estabelecido é uma alternativa.



Segundo a mesma autora, o saber ocidental dominante assume os recursos naturais, lucram com ele, sem se quer dividir com os donos originais, além do mais designa uma estrutura legal que assenta esses, como culpados pelo problema que o Norte mesmo criou.

Modifica o que era de pertencimento das comunidades locais, como herança universal e depois os põem para pagar pelo preço de seus desastres, “ [...] para que reconheçam esses recursos como “herança universal, a fim de lhes garantir o livre acesso às matérias primas” (SHIVA, 2003, p.104). Assim, o saber ocidental dominante coloca o Norte como lugar de sabedoria e as saídas para os problemas, a solução para a preservação, enquanto no Sul estão os recursos naturais e os problemas (a destruição da biodiversidade).

Afinal, o Sul só consome, não produz. Em consonância com isso Lang afirma que “[...] o luxo e a saturação de uns são construídos sobre a espoliação dos outros” (LANG,2016, p.28). Porém, é evidente que o saber local tem a solução dos problemas, todavia o saber ocidental dominante não abre espaço para as comunidades e seus conhecimentos herdados pelos povos originários.

Nesse sentido, “[...] grande parte dos saberes dos quais se valem as sociedades originárias e tradicionais poderiam ser revisitados como um meio de resolver parte dos problemas para os quais as culturas ocidentais não têm solução atualmente” (ARAÚJO; SÁ; ALMEIDA, 2020, p.5).

Entretanto, Shiva aponta que tem chegado o momento de se fazer a reversão do que ameaça a biodiversidade. Já que todos têm direito a vida, como relata a autora, “Todos os seres vivos têm um direito inerente a existência e essa deve ser a razão suprema para não permitir que ocorra a extinção de uma espécie” (SHIVA, 2003, p.111).

É sucinto reconhecer as alternativas de modo de vida, pois “Trata-se de reconhecer e reconstruir uma diversidade de modos de vida – no campo e nas cidades – diante da expansão do modo de vida imperial” (LANG, 2016, p.31). Enfatizar os saberes locais, esses que não são divulgados, esses que não são ouvidos, é a saída.

Todas as épocas têm seus sábios, mas nem todas as pessoas que produziram conhecimentos relevantes nas diversas culturas tiveram seus nomes divulgados, conhecidos, compartilhados. Na época de Isaac Newton, de Galileu Galilei e de Nicolau Copérnico, certamente, outros saberes estavam sendo construídos sobre os mesmos temas por eles estudados, mesmo que não saibamos onde e quem se dedicou a responder as mesmas perguntas formuladas por Newton, Galileu e Copérnico. (ARAÚJO; SÁ; ALMEIDA, 2020, p.15).

Fazer a justiça social acontecer, tornar vigente a proteção aos direitos democráticos e à vida, não é nada além daquilo que se espera das comunidades em cumprir o seu papel: preservar seus próprios espaços e serem guardiãs das riquezas naturais. É preciso, conforme a autora

“Ecologia, justiça e eficiência convergem na biodiversidade [...]” (SHIVA, 2003, p.112). Para Shiva, esses três pontos são essenciais para a biodiversidade se manter viva.

Repensar o saber e a forma com que este se estruturou no ocidente aponta para a realidade de que as comunidades locais são sufocadas e possuem pouca opção de reação. Mas, ainda assim, faz-se necessário assumir uma outra perspectiva e colocar em prática, pensar a vida de forma contrária ao capitalismo ou na ligação dos dois saberes, visando o benefício dos mesmos, como aponta Shiva. A prática, a valorização do convívio humano, da autonomia das comunidades locais, da autogestão, do respeito e a harmonia da natureza, o direito ao alimento, a renda. Viver com solidariedade, empatia.

Considerações finais

Este trabalho, que partiu de uma perspectiva teórica de, a partir da leitura e contribuição de Shiva, analisar a construção do saber ocidental, se propôs a lançar outros olhares par a questão, demonstrando, portanto, que há uma divergência entre o saber local e o saber ocidental dominante, posto serem nada mais que concepções de vida diferentes. O saber local está preocupado com a manutenção e renovação das florestas e da vida, fazendo com que isso dure.

Enquanto o saber ocidental dominante incita em mudar, inovar o saber local, porque o mesmo é visto como primitivo, inferior, e que, portanto, deve-se acreditar somente na sociedade moderna como fonte de conhecimento e como aquela que condiz ao futuro. Contudo, o pensamento de Shiva descontrói essa narrativa e mostra quão problemática pode ser, na medida em que mais esconde do que revela.

Com práticas e ações violentas para arrancar do caminho obstáculos da modernização, e apresentando rachaduras e fragmentações, o saber ocidental parece naufragar, ao invés de “salvar” a humanidade. Shiva aponta, ainda, que mesmo que haja uma tentativa de conduzir as comunidades locais à migração para o modelo dominante, e sua monocultura da mente, das espécies agrícolas, animais e da floresta, isso não tem se efetivado como se supunha. Há resistências.

Shiva aponta que esse não é um caminho viável, se ainda quisermos um mundo para a geração futura. É um modelo que não renova as florestas, que destrói gradativamente a biodiversidade. É necessário resgatar e tornar vigente o saber, os valores tradicionais, esses que tem a preocupação e cuidado com a vida, com a terra e com as florestas.

Referências

ACOSTA, Alberto. Extrativismo e Neextrativismo. In: DILGER, Gerhard., LANG, Miriam., PEREIRA, Jorge Filho. **Descolonizar o imaginário**. S.L:Elefante, 2016. (p.46-87).

Reflexões sobre o saber local e o saber ocidental dominante: alternativas e destruição da biodiversidade

ARAÚJO, Carlos Eduardo., SÁ, Maria José Ribeiro., ALMEIDA, Maria da Conceição. **Para resistir à monocultura da mente: uma ode aos saberes indígenas.** Educação em Revista. Belo Horizonte, 2020, v.36.

CABNAL, Lorena. Reflexões Coletivas. In: MOURA, Iara., PRAÇA, Marina. **Outras economias: alternativas ao capitalismo e ao modelo atual de desenvolvimento.** Instituto Pangs, Rio de Janeiro, 2018. (p.23-33).

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericana. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro, 2005. (p.24-32).

LANG, Miriam. Alternativas ao desenvolvimento. In: DILGER, Gerhard., LANG, Miriam., PEREIRA, Jorge Filho. **Descolonizar o imaginário.** S.L: Elefante, 2016. (p.24-45).

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, edgardo, **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latinoamericana. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. (p.33-49).

SHIVA, Vandana. Biodiversidade: uma perspectiva do Terceiro Mundo. In:----- . **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003. (p. 85-115).

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente. In:----- . **Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia.** São Paulo: Gaia, 2003. (p.21-83).

TAVARES, Manuel. **A Filosofia Andina1: uma interpelação ao pensamento ocidental. Colonialismo, colonialidade e descolonização para uma interdiversidade .de saberes (J. Estermann).** EccoS Revista Científica, núm. 32, septiembre-diciembre, 2013, Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil.

